CONHECENDO A SI POR MEIO DA ARTE: PERCURSOS PEDAGÓGICOS

KNOWING YOURSELF THROUGH ART: PEDAGOGICAL COURSES

Igor Lucena Fernandes de Queiroz
Professor do estado do Rio Grande do Norte

RESUMO
Este trabalho mostra a construção e adaptação de uma proposta pedagógica para aulas de arte que promovem o autoconhecimento. A aplicação da proposta pedagógica aconteceu em duas escolas públicas no estado do Rio Grande do Norte, entre 2022 e 2023. A pesquisa foi motivada pelos recorrentes problemas de sofrimento psíquico por parte dos estudantes no retorno às aulas após a pandemia do COVID-19. Estes problemas não começaram durante aquela emergência de saúde pública, mas foram potencializados por ela, e ainda necessitam de atenção pelas comunidades escolares. Por isso o foco do trabalho é mostrar como foi construída e aplicada uma proposta pedagógica de ensino de arte que promove o conhecimento de si, a compreensão do outro, a valorização da pluralidade e a integração social.

PALAVRAS-CHAVE
Artes visuais. Saúde mental. Arte-educação. Autoconhecimento. Arteterapia.

ABSTRACT
This work shows the construction and adaptation of a pedagogical proposal for art classes that promote self-knowledge. The application of the pedagogical proposal took place in two public schools in the state of Rio Grande do Norte, between 2022 and 2023. The research was motivated by the recurring problems of psychological distress among students upon returning to classes after the COVID-19 pandemic. These problems did not begin during that public health emergency, but were exacerbated by it, and still require attention by school communities. Therefore, the focus of the work is to show how a pedagogical proposal for art teaching was constructed and applied that promotes self-knowledge, understanding of others, appreciation of plurality and social integration.

KEYWORDS
Visual arts. Mental Health. Art education. Self knowledge. Art therapy.

Introdução



Na rotina docente dos últimos anos após a pandemia de 2020, presenciamos na escola adolescentes com crises de ansiedade tão fortes que era necessário chamar os seus responsáveis ou alguma ambulância para levá-los a unidades de saúde. Ao dialogar com estudantes e coordenações pedagógicas percebemos a necessidade de propor disciplinas eletivas sobre educação emocional e autoconhecimento. Assim surgiu o problema dessa pesquisa. Questionamos aqui de que modo as artes visuais como disciplina escolar pode colaborar para a promoção de saúde emocional e elaboração da subjetividade dos estudantes.

Para tanto, nosso principal objetivo foi elaborar, implementar e avaliar um projeto pedagógico na área de artes visuais direcionado às turmas do ensino médio, visando desenvolver o autoconhecimento, a compreensão do outro, a valorização da pluralidade e a integração social.

Com os objetivos auxiliares: realizar uma série de aulas de arte que colaborem com o autoconhecimento dos participantes; promover expressões artísticas como estratégias de aprofundamento sobre o entendimento de si mesmo e incentivar a importância que a coletividade e o ambiente têm em nossa permanente construção como indivíduos.

Na verdade o sofrimento psíquico entre jovens antecede a pandemia. A UNICEF (2021) estima que há 16 milhões de jovens entre 10 e 19 anos (cerca de 15%) passam por algum tipo de sofrimento psíquico na América Latina.

No Brasil, a porcentagem sobe para 17%, o que significa um número equivalente a mais de 11,1 milhões de jovens. Dos 16 milhões de jovens na América Latina, 47,7% sofrem de ansiedade ou depressão. Ainda de acordo com o órgão internacional, as adolescentes mulheres têm o dobro de casos com ansiedade ou depressão e o suicídio já é a terceira maior causa de mortes nessa faixa etária, com 6 suicídios para cada 100 mil jovens. A UNICEF destaca o papel das comunidades escolares diante desse quadro:

> As escolas desempenham um papel único e vital na vida das crianças e adolescentes. Violência e bullying - tanto por professores quanto por outros alunos – assim como pressão excessiva para ter sucesso pode

> minar a mente das crianças; por outro lado, um ambiente escolar de relacionamentos positivos entre alunos, e entre alunos e professores reforçará a saúde mental de todos [...] [é necessário] fortalecer os professores no conhecimento e competências socioemocionais. Professores e demais profissionais da escola precisam fortalecer sua saúde mental para que possam apoiar o fortalecimento da saúde mental das crianças e adolescentes aprendendo sobre saúde e desenvolvendo hábitos para que possam reconhecer os alunos que precisam de suporte adicional (UNICEF, 2021, p. 14, 15).

Plano antigo

Com as recomendações da UNICEF em mente, iniciamos em 2022 uma pesquisa experimental com três turmas de duas escolas públicas de Parnamirim – RN, nas disciplinas eletivas “arte e autoconhecimento”. Na ocasião, foi elaborado um primeiro plano de ensino que estava dividido em duas etapas.

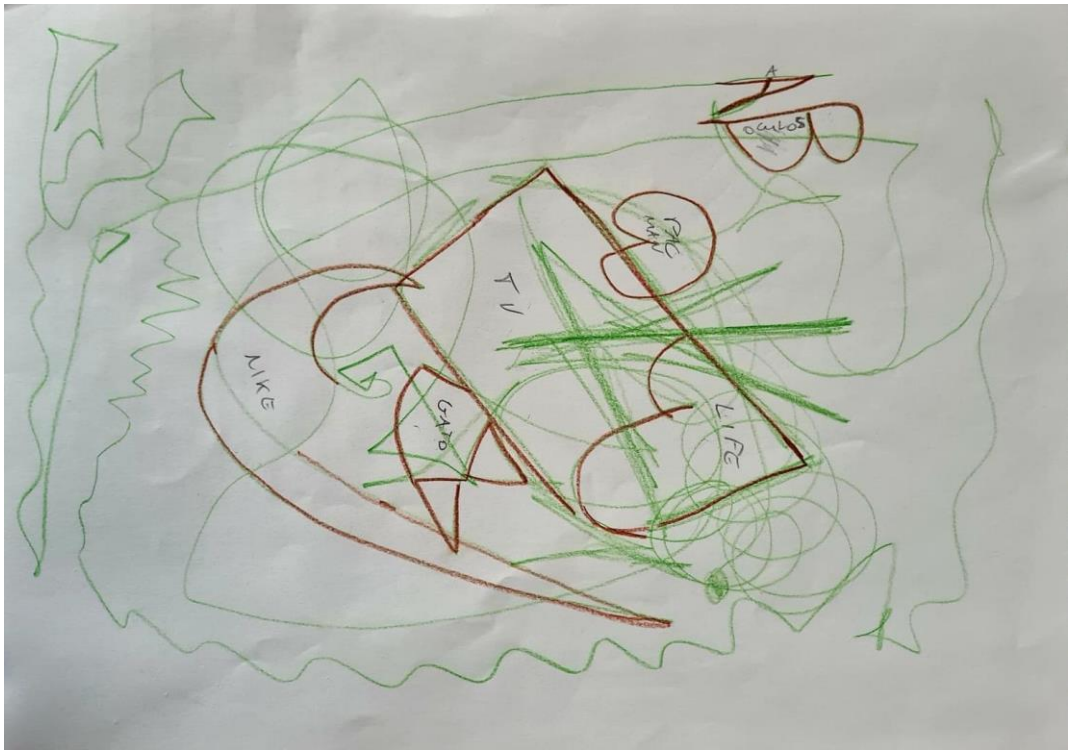


Imagem 1. Atividade com livre expressão. Foto, 14cm X 9cm. Autor: .

Na primeira etapa, utilizamos a abordagem das oficinas criativas (ALESSANDRINI, 2002) para investigar com os estudantes o conceito do inconsciente (JUNG, 2016). No desenvolvimento das atividades iniciais, trabalhamos com desenhos, pinturas,

colagens e modelagens, propostas que tinham como propósito a exploração da introversão, do automatismo psíquico e que de alguma forma contribuiriam como práticas de acesso a estados de subjetividade e conexão com o plano do inconsciente. Em seguida, foi feita uma leitura sobre o material que foi expresso pelos estudantes e a partir de suas expressões, foi formulada a indagação: O que aquilo tinha a ver com a vida da pessoa que se expressou?

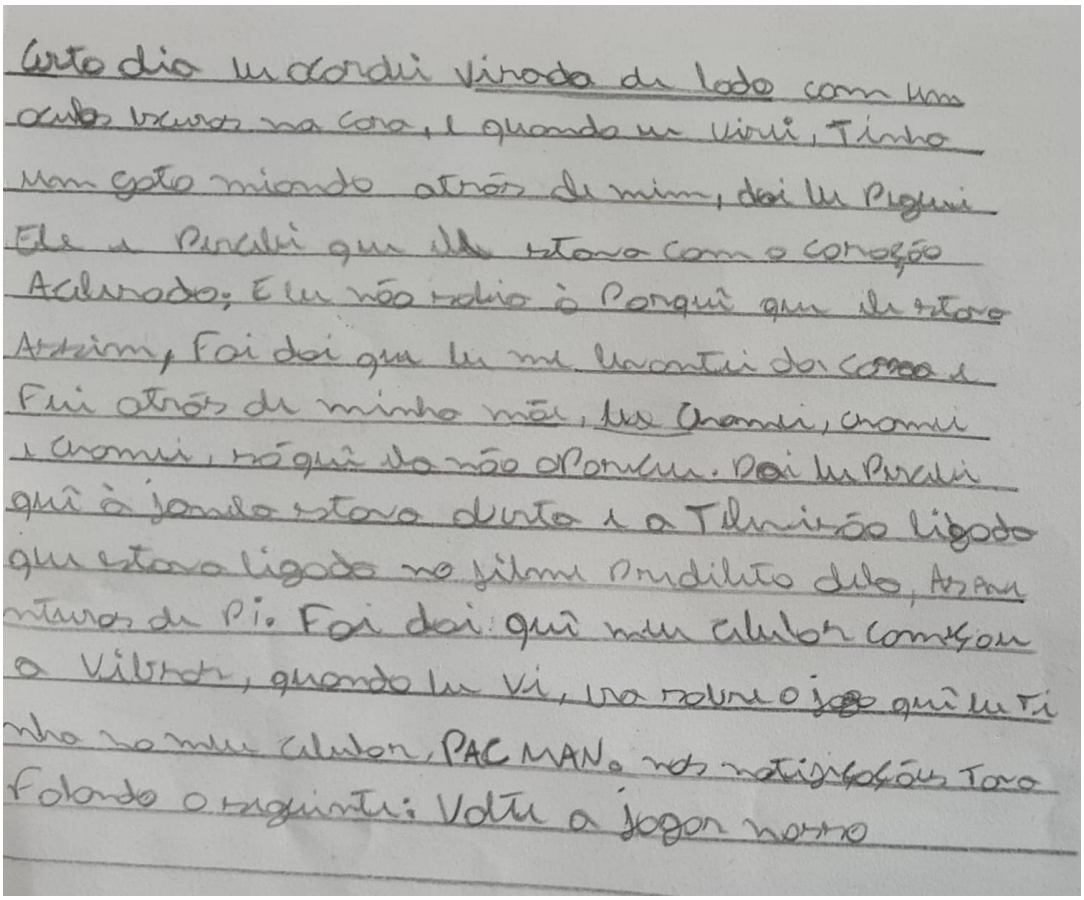


Imagem 2. Escrita criativa. Foto, 14cm X 11cm. Autor: .

As imagens 1 e 2 são referentes a primeira parte do plano pedagógico antigo, realizado em 2022. Na aula destas imagens os estudantes tiveram de fazer um desenho aleatório apenas utilizando linhas. Depois, foi pedido que encontrassem coisas reais no meio dos emaranhados. A intenção era que passassem do subjetivo para o objetivo dentro de suas expressões, identificando com lápis de outra cor, alguma coisa que fizesse sentido na vida real. Em seguida, foi pedido que os

estudantes criassem uma história criativa com os elementos encontrados. A história não precisava ter sentido no mundo real, poderia ser narrada como um sonho. Na última parte da aula, pudemos conversar sobre os desenhos, histórias e principalmente o que acharam daquela experiência. Nem todos falaram, mas alguns disseram estar impressionados com as coisas que ainda pensavam, mas não sabiam que pensavam. Como acontece com os sonhos ao longo do dia e da vida toda (JUNG, 1984).

Na segunda etapa do plano antigo, utilizamos a abordagem triangular (BARBOSA, 2010), em que os estudantes tiveram duas aulas de apreciação e contextualização, e a última, de prática artística.



Imagem 3. obra “scopulus”, de José Rufino. Foto, 12cm X 8cm. Autor: .

Na primeira aula, apreciamos a exposição Hangar do artista José Rufino, por meio de fotos e vídeos. Nela, buscamos contextualizar a obra scopolus (imagem 3), que conduz visualmente a possibilidade de entender a centralidade subjetiva do indivíduo. Dessa forma, pudemos perceber que o indivíduo está ao centro de uma rede de subjetividade que perpassa outras redes de subjetividades coletivas.

Na segunda aula apreciamos por meio de fotos, vídeos e relatos dos estudantes, o Cajueiro de Pirangi (imagem 4). Eles sabiam que o tronco, seus galhos e suas raízes formam tramas vivas que se transformam em novos percursos e novas vidas. Mas poucos estudantes sabiam que aquele cajueiro é uma grande árvore portadora de uma mutação genética que faz com que seus galhos ao tocarem o chão se transformem “noutra” árvore de caju, porém ligada a anterior. Esse foi o mote para desenvolver didaticamente a subjetividade, a qual tramamos em todos os aspectos da vida (social, profissional, afetivo, etc) gerando novas tramas e novos significados.



Imagem 4. Cajueiro de Pirangi. Foto, 14cm X 8cm. Autor: .

Durante aquelas duas aulas de arte, conversamos sobre como transformar a nossa realidade, de um modo que respeitasse nossas identidades contextualizadas por nossas histórias de vida, e que, portanto, nos incluísse mais amplamente. Esse foi o ponto de conexão para a última aula, a de prática artística. A intenção era aprofundar os diálogos internos, possibilitando a reestruturação das relações e dos fluxos entre subjetividade e objetividade; o autoconhecimento e o senso de coletividade e a valorização da diversidade.



Imagem 5. Painel da turma 1E. Foto, 11cm X 9cm. Autor: .



Imagem 6. Detalhe do painel da turma 1E. Foto, 14cm X 8cm. Autor: .

Na terceira aula da segunda parte do antigo plano, criamos um painel por turma que coligavam as expressões de cada estudante numa obra coletiva sobre as múltiplas subjetividades. Cada turma construiu coletivamente, influenciada pelo que mais as marcou nas aulas anteriores, sobre a exposição de Rufino e o Cajueiro de Pirangi. As leituras poéticas são perceptíveis nas formas de composição dos painéis de cada turma. Nas imagens 5 e 6, o painel está mais ramificado. Nas imagens 7 e 8, o painel lembra uma árvore comum, com tronco central que irradia conexões (galhos), formando grupos de imagens (copa).

Na imagem 7, podemos ver a divisão das peças em blocos de técnicas artísticas: texto com texto, pinturas com pinturas, desenhos com desenhos. E dois blocos misturados, mas que se agrupavam por tema. Isso partiu da sugestão de uma estudante, e a turma resolveu unir os blocos por fios de barbante (imagem 8).



Imagem 7. Painel da turma 1A. Foto, 14cm X 6cm. Autor: .

Apesar do elemento barbante estar disponível para as outras turmas, elas não quiseram utilizá-lo em seus momentos de produção. Apenas naquela referida turma, as ramificações foram construídas com as linhas de barbante, e no processo criativo os blocos foram sendo formados por peças semelhantes, a partir de um núcleo de visualidade (uma espécie de cerne), e ao redor, ficavam as peças expressivas mais dissemelhantes.



Imagem 8. Detalhe do painel da turma 1A. Foto, 11cm X 10cm. Autor: .

Plano novo

Em 2023, reformulamos o plano anterior. A principal diferença é que o atual está mais orgânico e bem resolvido quanto a dicotomia arteterapia (primeira parte do antigo



plano) e arte-educação (segunda parte do antigo plano). Ou seja, não existe essa divisão, visto que, a manutenção dessa diferença afetava a própria noção de arte como se ela fosse apenas poética, mas ela também é epistemológica (conhecimento), bem como relacionada a transformação do ser.

Buscamos nessa reformulação reforçar o aporte que a Arte como área de conhecimento pode oferecer para o trabalho que contribui para elaborar o sofrimento psíquico. Sem deixarmos de incorporar algumas estratégias da arte terapia, buscamos apresentar um conjunto maior de obras artísticas com diferentes suportes como repertório para ampliarmos as experimentações de processos artísticos em sala de aula e auxiliarmos na percepção e apropriação da subjetividade pelos estudantes.

De acordo com Alessandrini (2002), autoconhecimento é um processo de subjetivação ou construção de significados pelos indivíduos. Para essa autora, o autoconhecimento acontece no processo criativo, e por mais que tenha intenções e objetivos, eles não são fixos por não se ter uma visão inteira e de uma só vez do que será expresso, pois isso vai acontecendo durante o processo.

Sobre o processamento cognitivo em torno de processos criativos, Cecília Salles (2013) nos fala que a expressão artística promove a busca, o deslocamento, e no processo de criação emergem conteúdos ocultos. Expressar é uma ação a ser feita inicialmente para si mesmo no mundo. Ou seja, os autores de obras são os primeiros a tentarem desvendar aquilo que emerge da investigação subjetiva, e durante o processo expressivo, fazemos escolhas que frequentemente mudam as intenções originais.

A metodologia de pesquisa do plano novo foi do tipo participante, com ênfase na cartografia artística. Utilizamos esta metodologia para que “os fluxos de ideias e pensamentos possam ser mapeados, abrangendo a transmissão e recebimento de informações, vivências e toda uma gama de subjetividades” (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 45). Tal metodologia permite aos estudantes propor ou recuperar antigos caminhos de expressão que se desvelam no processo criativo.



O método cartográfico foi implantado em um espaço de oficinas criativas (ALESSANDRINI, 2002) e complementado com proposições de utilização de diários gráficos (GUARALDO, 2014). As oficinas criativas fundamentam a experimentação do ir e vir entre subjetividade e objetividade por meio de expressões criativas em sala de aula. Baseiam-se na livre expressão dos estudantes, todavia, não apenas para que os estudantes criem algo sem significado, mas que possam liberar impulsos inconscientes, reconhecendo alguns elementos psíquicos de si mesmos. As oficinas criativas são integradas à cartografia artística, de maneira a permitir que os estudantes registrem suas experiências e processos criativos de forma contínua e reflexiva. Esta técnica promove a práxis (FREIRE, 2013), pois o estudante percebe-se lendo ou refletindo o mundo e a si mesmo, enquanto se expressa.

O incentivo do uso dos diários gráficos nas práticas educativas artísticas e nas rotinas da vida é essencial como suporte para a promoção da percepção do mundo, de si, e as práticas de experimentações e escolhas dos estudantes. Nos diários gráficos, os estudantes se expressam, propondo e recuperando caminhos criativos em suas cartografias artísticas (LEMOS; OLIVEIRA, 2017). Esses diários servem como um espaço de documentação e reflexão do processo criativo, oferecendo uma visão detalhada das intenções e percursos artísticos.

Colaborando com a metodologia da cartografia artística, consideramos a contaminação estésica (FARIA; MARTINS; LOMBARDI, 2019) como um procedimento necessário para estudar processos criativos de outras inteligências, além das humanas. Isto amplia o planejamento de propostas pedagógicas para o ensino de artes por estudar com os estudantes, processos de criação de outras inteligências. E permite que os estudantes experimentem processos criativos a partir de referências de inteligências humanas, de inteligências orgânicas, como também das sintéticas. Na pesquisa, a contaminação estésica aliada à a cartografia artística foi de suma importância para estudarmos artisticamente o processo de crescimento do maior cajueiro do mundo.

A partir da interação entre metodologia, técnicas e procedimento, pretendemos que a pesquisa tenha um caminho metodológico que favoreça o autoconhecimento através



de estratégias criativas, proporcionando o reconhecimento de que cada estudante possui subjetividades e objetivos de expressão únicos em um ambiente onde “a invenção e a fruição convivam com a clareza e o rigor, necessários à produção e à transmissão de conhecimento” (CATTANI, 2002, p. 49).

O conceito de subjetividade que frequentemente aparece no texto tem múltiplas interpretações a depender do autor, da linha de pensamento ou da área de estudo. Aqui, elencamos um tripé de definições conceituais sobre subjetividade. Um deles é o “caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de "meus" [...] aquilo que pertence ao sujeito” (ABBAGNANO, 2007, p. 922).

Outra contribuição vem a partir da perspectiva de Sara Paín, que constrói sua definição por meio da contraposição entre objetividade e subjetividade:

> a objetividade instaura a realidade, isto é, aquilo que nós consideramos real, que está fora de nós, cujas leis não podemos modificar. Podemos repensar, mas não as podemos anular. Por outro lado, o subjetivo se instaura na irregularidade, se constitui na esfera do desejo e é o que nos diferencia como pessoa singular (PAÍN, 2012, p. 19).

O terceiro aspecto que nos orienta sobre o que é subjetividade vem de Philippini (2009), ela destaca que as técnicas expressivas das artes estimulam relações de subjetividade inconscientes. Durante o processo de expressão, o indivíduo se torna consciente dos próprios elementos psíquicos que estão sendo mobilizados. Essa noção é fundamental na metodologia das oficinas criativas (ALESSANDRINI, 2002), que incentivam os estudantes a se expressarem e, ao fazê-lo, perceberem as mobilizações de seus elementos psíquicos inconscientes (JUNG, 2016).

Nesse sentido, pretendemos compreender e contribuir com questões de subjetividade a partir dessas ideias e autores, sem, contudo, confundir os campos da psicologia e da filosofia com o da arte. Entretanto, reconhecemos que o tema da subjetividade é central no campo artístico, pois permeia toda a produção dos artistas há milênios. Por isso, a inclusão de algumas referências teóricas além das da arte é benéfica para elucidar o conceito de subjetividade aqui abordado, ou seja, a consciência da



mobilização das próprias percepções e emoções pelo indivíduo e sua relação consigo mesmo, com os outros e com o ambiente em que vive.

Tal compreensão nos permite identificar questões pertinentes no âmbito da arte e da subjetividade que podem contribuir para práticas pedagógicas no ensino médio. Pois o novo ensino médio (BRASIL, 2017) e a portaria do Ensino Médio Potiguar (RIO GRANDE DO NORTE, 2021) não especificam critérios para o assunto ou tema a ser desenvolvido nas disciplinas eletivas, nem também exige um material didático. Tais aspectos devem ser construídos pelo professor e comunidade escolar.

E foi no aprofundamento de tantas questões que no novo plano pedagógico estruturamos um projeto arte educativo organizado em temas, e não em metodologias como era no antigo. Cada tema consiste em um conjunto de quatro aulas centradas em um artista, ser vivo ou local específico. Cada aula é conduzida com base em uma categoria de conhecimento (GUATTARI, 1990; COSTA, 2018), formando assim quatro aulas semirregradas dentro de cada temática. A ordem das categorias (aulas) pode ser modificada, mas apenas dentro da temática em questão. Neste novo plano não misturamos temáticas de diferentes artistas, pulando entre aulas e mesclando categorias de diferentes temáticas.

Dessa maneira estudamos um artista a cada quatro aulas, conhecendo suas poéticas e seus processos de criação. A partir daí, realizamos experiências com foco no autoconhecimento e diversidade. Utilizando o diário gráfico em todas as aulas para que o caderno do estudante seja usado como um diário de bordo, que pode servir como suporte em várias aulas ou fora delas, bem como um meio de arquivar as expressões realizadas dentro ou fora da sala de aula. Com isso, pretendemos que cada estudante tenha seu próprio repertório de subjetividades consigo.

Os temas podem ser abordados pelo professor na ordem que julgar conveniente. As temáticas incluem: Yayoi Kusama; Marc Chagall; Romuald Hazoumè; Frida Kahlo; José Rufino; Cajueiro de Pirangi; Morro do Chapéu (uma famosa duna em uma área de preservação no Rio Grande do Norte).

As quatro categorias são:



Identidade: nestas aulas, buscamos perspectivas pessoais e pontos de vista nos quais nos sentimos confortáveis para nos vermos e nos reconhecermos. O objetivo das aulas de identidade é descobrir características individuais de cada pessoa de maneira indireta, ou seja, sem induzir uma identidade associada a uma ideologia ou circunstância de vida; a proposta é que o ser se conheça.

Memórias: a partir das memórias, temos uma compreensão de quem somos, mas a interpretação delas varia com o tempo, levando à ressignificações da noção de identidade, relacionamentos pessoais, lugares e circunstâncias.

Sonhos (passado, presente, futuro): todos nós tivemos, temos e teremos aspirações. Conhecer esses desejos é uma forma de nos conhecermos melhor, compreendendo quem fomos, quem somos e quem ou como gostaríamos de ser.

Rede: a maneira como compartilhamos informações ajuda a definir nossas perspectivas sobre nós mesmos, como os outros nos veem e como nos vemos como grupo, sociedade e espécie. Explorar as formas de compartilhamento é uma oportunidade tanto de nos conhecermos, às outras pessoas e ao mundo, quanto de experimentar diferentes maneiras de nos relacionarmos com os outros e aprender com isso.

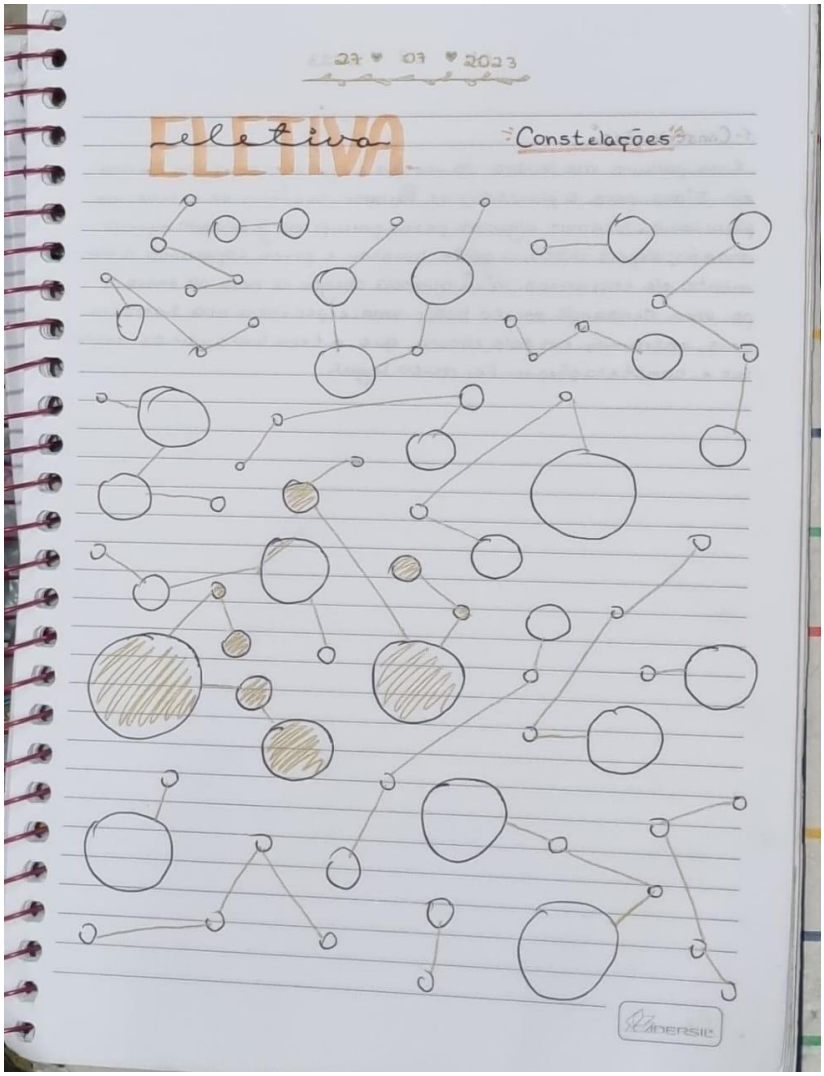


Imagem 9. Caderno de estudante. Foto, 14cm X 10cm. Autor: .

As imagens 9 e 10 são de uma aula sobre identidade no tema Yayoi Kusama. No início daquela aula, os estudantes conheceram uma parte das obras, processos criativos e a vida da artista. A partir de sua poética, os estudantes fizeram bolinhas no caderno, podendo ser de qualquer tamanho, mas com a regra que elas não podiam se tocar. Tiveram três minutos para isso. Depois, em mais três minutos, deveriam ligar apenas duas bolinhas utilizando linha reta. A regra foi de não poder fazer curvas, nem atravessar outra linha, como também, não passar por cima de outra bolinha. Algumas bolinhas iriam ficar sozinhas, e tudo bem, faz parte da vida. Em seguida, o desafio era formar trios de bolinhas em três minutos, utilizando linhas retas e sem atravessar nada. Na quarta vez, em mais três minutos, tiveram que tentar formar quartetos com as

mesmas regras anteriores. Na quinta etapa tiveram cinco minutos para fazer quintetos de bolinhas, com o diferencial de preencher com hachuras as cinco bolinhas dos quintetos que encontrassem. E então, escrever uma palavra ou sensação sobre o que estariam vendo.

Ao final da aula, refletimos sobre o ocorrido. Tanto sobre a exposição de obras da artista como quais sensações ou impressões surgidas enquanto tentavam unir bolinhas. Alguns estudantes comentaram que não conseguiram encaixar algumas bolinhas num grupo e elas ficaram só, outros disseram que não conseguiram juntar todas em trios, ou mesmo fazer quintetos. E a conversa sobre identidade foi encaminhada de maneira indireta, utilizando a relação das bolinhas como metáfora. Pudemos entender dramas, fazer escolhas, buscar alternativas e aceitar posições. Questões que permeiam a vida de qualquer indivíduo ou bolinha. Nem todos têm que se encaixar nas regras, algumas bolinhas têm outras intenções, e se não fazem mal as demais, que mal tem elas serem e organizarem-se como querem?

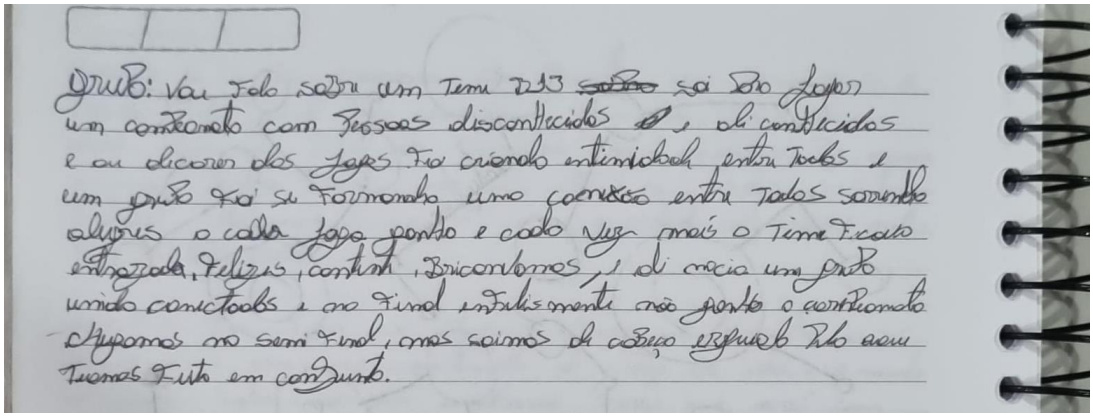


Imagem 10. Detalhe do caderno de estudante. Foto, 14cm X 5cm. Autor: .

A imagem 10, mostra o caderno de alguém que participou da aula sobre Yayoi Kusama com o tema: Memórias. Naquela aula, os estudantes resgataram as palavras ou sensações anotadas na aula anterior e escreveram alguma memória que tivesse referência àquela palavra. A intenção era pensar com cuidado sobre as histórias de vida. Tiveram trinta minutos para escrever um pequeno texto sobre as palavras ou sensações da aula anterior. Sugerimos memórias curtas que coubessem em dez



linhas do caderno. No final da aula, conversamos sobre as memórias e qual foi a experiência ao relembrá-las.

Quais motivos os levaram àquelas memórias? O que aquelas histórias tinham a ver com a postura sobre a vida atualmente? Mudou algo, o que? Estas e outras perguntas serviram para que os estudantes prestassem atenção sobre o que lembravam ou não. Pois, a escolha das memórias ajuda a definir o que pensamos sobre nós mesmos, e que memórias pretendemos construir ou ressignificar.

Dessa forma, o percurso arte educacional planejado no novo plano pedagógico teve o propósito de contribuir para recontextualização e ressignificação da realidade do professor, dos estudantes e da comunidade escolar como um todo, promovendo o processo de construção de expressões criativas individuais e coletivas, de modo a valorizar o olhar interior de todos os envolvidos, bem como sua importância para a arte, e principalmente, para a vida. Assim, pretendemos contribuir tanto para o conhecimento de si; para a saúde mental e especialmente para a arte-educação. Além de sensibilizar os estudantes do ensino médio a se perceberem com mais cuidado, bem como cultivando o zelo pelas relações com os outros e consigo mesmo.

Considerações finais

Este trabalho mostra a necessidade de estratégias que colaborem com a diminuição do sofrimento psíquico no ambiente escolar. Consideramos que a metodologia da cartografia artística aliada as técnicas de oficinas criativas e diários gráficos proporcionaram o estudo e a experimentação arte educativa de modo a promover autoconhecimento e respeito às diferenças.

No antigo plano, lidávamos com o resgate de imagens inconscientes trazidas à consciência para os estudantes entenderem o fluxo cognitivo e criativo no qual nos constituímos. Uma obra de José Rufino e o Cajueiro de Pirangi foram estudados como metáforas da centralidade do indivíduo imersos nos significados da vida e a construção em rede das subjetividades. A cartografia artística combinada e as oficinas criativas proporcionaram variadas formas de construção dos painéis, por isso cada turma se expressou diferentemente. Enquanto um painel se esparrama e cresce, outro



painel se aglomera e se expande. Assim, o ciclo de aulas nos ajudou a entender artisticamente nossas existências como processos ou uma caminhada que trabalha a aceitação de si, do outro e dos variados grupos.

No novo plano educativo, optamos por estudar as poéticas (subjetividades) e os processos criativos (objetividades) dos artistas. A partir das poéticas e processos, pudemos sensibilizar os estudantes a experimentar novos caminhos criativos. Desenvolvemos uma cartografia artística nos “diários gráficos”, em que cada aula era uma oficina criativa que promovia autoconhecimento e diversidade por meio da arte. Os temas integradores: identidade, memórias e etc., colaboraram para dar um horizonte coletivo e integrador de experimentações. Permitindo o conhecimento e reelaboração das particularidades de cada estudante ao longo do ano letivo.

Esperamos que a pesquisa contribua com o fomento da discussão sobre sofrimento psíquico e estratégias de saúde integral (corpo e mente) no contexto escolar. Nas aulas de arte há espaço para poetizar e conhecer a nós mesmos. Acreditamos que, o ensino dessa disciplina escolar promove um conhecimento maior dos nossos sentimentos. É importante que os arte-educadores estejam cientes que esta jornada só é exequível coletivamente (UNICEF, 2022). Pois é impossível existir sozinho (FREIRE, 1996), por mais que sejamos todos únicos.

Referências

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. Oficina criativa e psicopedagogia. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Lei Federal 13.415. Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 05 out. 2022.

COSTA. Robson Xavier da. Arteterapia & Artes Visuais: aproximações contemporâneas. In: COSTA, Robson Xavier da. Entremeios: artes visuais e arteterapia em contextos não formais. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.



FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GUARALDO, L. Diários Gráficos em rede. In: Poéticas da Criação, 2014, Vitória. Poéticas da Criação - ES Anais do Seminário Ibero Americano sobre processo de criação nas artes.. São Paulo: Intermeios, 2014. p. 374-381.

GUATTARI, F. As três ecologias. Campinas:Papirus. 1990

JUNG, C. G. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, C. G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

_____. O segredo da flor de ouro. Petrópolis: Vozes, 1984.

LEMOS, C. F; OLIVEIRA, A. M. Mapeamento, Processo, Conexões: a cartografia como metodologia de pesquisa. Paralelo 31, Pelotas, n. 8, p. 40-51, jul. 2017.

PAÍN, Sara. Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e consciência. Petrópolis: Vozes, 2012.

PHILIPPINI, Angela. Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2009.

RIO GRANDE DO NORTE. Portaria-SEI Nº 493. Instituição do Ensino Médio Potiguar. Natal, 2021. Disponível em: http://diariooficial.rn.gov.br/dei/dorn3/docview.aspx?id_jor=00000001&data=20211224&id_doc=752403. Acesso em: 05 out. 2022.

SALLES, Cecilia Almeida. O gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: Intermeios, 2013.

UNICEF. The State of the World 's Children 2021. Regional brief: Latin America and the Caribbean. UNICEF, 2021. Disponível em: https://www.unicef.org/media/108126/file/SO WC-2021-Latin-America-and-the-Caribbean-regional-brief.pdf. Acesso em 22 nov. 2022.